



---

## A TRAMA FAUSTIANA DO CAPITAL FINANCEIRO NA CAPTURA DA UNIDADE DE PRODUÇÃO CAMPONESA

**José Danilo Santana Silva**

Doutorando/Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Universidade Federal de Sergipe.

Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de Reordenamentos Territoriais

E-mail: [danilorock13@hotmail.com](mailto:danilorock13@hotmail.com)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alexandrina Luz Conceição**

Orientadora e professora do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia  
Universidade Federal de Sergipe.

Líder do Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as  
Políticas de Reordenamentos Territoriais

E-mail: [aluz@oi.com.br](mailto:aluz@oi.com.br)

*È uma lei de espectros e demônios:  
sai-se por onde se entra; à entrada livres,  
forçados no sair.  
(Fausto, Johann Wolfgang von *Goethe*)*

Com o fim do keynesianismo enquanto modelo econômico capaz de superar a crise de superprodução que se estabelecia no final da década de 1970, a mundialização do capital surge como processo de um novo ritmo de acumulação. Como uma fase específica do sistema do capital em seu processo de internacionalização e valorização (CHESNAIS, 1996) marcada pelo domínio do capital financeiro sobre a esfera produtiva. A riqueza social, fruto do trabalho humano, passa cada vez mais a ser controlada pelo capital financeiro, ditando assim “a repartição e a destinação social dessa riqueza” (CHESNAIS, 1996,15).

Nesta direção, o desafio da nossa pesquisa de mestrado consiste em analisar os rebatimentos espaciais da inserção do capital financeiro no campo sergipano, analisar de que forma este gesta o território para extrair direta ou indiretamente frações de mais valor e da renda da terra. Para tanto, nosso objetivo tem sido identificar as formas e estratégias do capital financeiro para obtenção de lucro, sobretudo, por meio da subordinação da unidade de produção familiar para o processo de acumulação, analisando as ações do Estado na apreensão dialética do movimento de favorecimento ao capital que com esse compõe de

forma indissociável e interligada o seu sistema metabólico de reprodução (CONCEIÇÃO, 2012), na escala local e na sua integração mundial.

A integração internacional dos mercados foi garantida por meio da liberalização e desregulamentação dos mercados nacionais e automatização do fluxo de capitais (CHESNAIS, 1996). Para tanto, coube aos Estados centrais assumir e determinar os rumos da política neoliberal, retirando barreiras institucionais e econômicas que pudessem criar entraves para o livre fluxo de capitais. (DANTAS, 2009). Esta incontabilidade do capital e sua necessidade de constante de expansão já eram apontadas por Marx como uma condição *sin quan non* para a sua reprodução ampliada que atinge na mundialização sua realização plena.

Enquanto o capital deve por um lado, esforçar-se em derrubar todas as barreiras espaciais para realizar o intercâmbio (isto é, a troca), e conquistar todo o mundo como seu mercado, esse capital esforça-se, por outro lado, em anular o espaço pelo tempo (...) Quanto mais desenvolvido o capital (...) mais esse capital esforça-se simultaneamente, em relação a uma ainda maior ampliação do mercado e a uma anulação do espaço pelo tempo. MARX *apud* HARVEY, 2005, 51

Com o avanço tecnológico, o fluxo de capitais passa a operar virtualmente, o que possibilita maior fluidez no processo de reprodução e aumento dos lucros oriundos da especulação. No Livro III Volume II de “O Capital”, Marx observa que o desenvolvimento da força produtiva e conseqüentemente da produção em larga escala age de forma que “1) os mercados se expandem e se afastam do local de produção, 2) por isso, os créditos têm de prolongar-se e, portanto 3) o elemento especulativo deve dominar cada vez mais as transações.” (1988, 15). Apesar de não ter vivenciado o processo de financeirização da economia, Marx discorria sobre a existência de um capital fictício existente no sistema de crédito e apontou tendências deste capital que são fundamentais para análise da atual dinâmica do capital financeiro.

O sistema de crédito num primeiro momento atua como capital-mercadoria que precisa mudar de forma (dinheiro – mercadoria, mercadoria – dinheiro) para dar movimento e fluidez ao capital no processo produtivo (MARX, 1988). Com o processo de mundialização, o crédito continua a atuar na economia real, mas deixa de ser proveniente de excedente de capital industrial e começa operar fora da esfera produtiva. Diferentemente do capital a juros, que está limitado pelo volume disponível de excedente, o capital financeiro pode se multiplicar acima destes limites (CARCANHOLO E SABATINI, 1985). Neste sentido, “Com o objetivo de transcender seus próprios limites a todo custo, a concentração de lucro e a

*desconcentração de mercados, assim como o aumento da concorrência nos mercados nacionais, a economia é direcionada ao processo de financeirização.” (CONCEIÇÃO, 2012)*

A fragilidade desta estrutura econômica que atua na busca de fazer dinheiro gerar mais dinheiro (D-D') se reverte na ânsia do capital financeiro em se apropriar de fatias cada vez maiores de mais-valia e trabalho excedente, uma vez que *“Nem todo aumento do capital monetário indica acumulação real do capital ou ampliação do processo de reprodução.”* (MARX, 1988, 18).

O sistema sociometabólico do capital produz suas próprias contradições como garantia de sua reprodução e acumulação, a mundialização do capital torna-se um processo expressivo também no campo, dando novos contornos a territorialização do capital e a monopolização da produção.

No Brasil, a inserção do capital financeiro no campo se dá modernização técnica durante a ditadura militar, principalmente a partir da década de 1970. Era necessário transformar o campo para atender a demanda de produção do comércio exterior, aumentar a produtividade sem alterar a estrutura fundiária por meio da integração técnica entre indústria e agricultura. A questão agrária deixa de ser um problema político para se tornar uma questão técnica (DELGADO, 2003). Nesta direção, a integração do capital financeiro com a agricultura compreende, de acordo com Delgado, o fortalecimento de um sistema de crédito rural e de mecanismos de incentivos fiscais e financeiros do Estado, intensificação de relações interindustriais (com a fusão de capitais agroindustriais no setor privado e a consolidação de conglomerados multisetoriais) e transformação no mercado de terras (DELGADO, 1986).

Sob a égide do agronegócio, o capital financeiro assume o controle do desenvolvimento do campo brasileiro, perseguindo assim o lucro a renda da terra mediante políticas de Estado (DELGADO, 2003).

Esta pesquisa, que se encontra em fase de qualificação de Mestrado no Núcleo de Pós-Graduação em Geografia-UFS, está sendo desenvolvida sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alexandrina Luz Conceição, com apoio financeiro da CAPES e de acordo com as atividades do Grupo de Pesquisa Estado, Capital, Trabalho e as Políticas de reordenamentos territoriais. Para o desenvolvimento deste estudo, o método do materialismo histórico tem sido o suporte para revelar os processos e contradições do sistema do capital, sobretudo no Território do Alto Sertão Sergipano, onde serão realizadas as pesquisas de campo e o estudo empírico.

No ano de 2012, de acordo com o Banco Central do Brasil (2013), foram realizadas mais de 44.500 operações de crédito rural, o que representa um montante de R\$ 345.109.868,87. Este crédito foi destinado a custeio, investimento e comercialização tanto da

agricultura como da pecuária. No Território do Alto Sertão Sergipano, destaca-se além da pecuária de leite e da ovinocaprinocultura, o agronegócio do milho que tem avançado, sobretudo, no município de Nossa Senhora da Glória. Parte desta produção no campo é financiada principalmente pelas linhas crédito do Banco do Brasil (BB) e Banco do Nordeste (BNB). É importante observar que o capital financeiro se insere no campo não só por meio do financiamento direto da produção e comercialização de mercadorias. A presença do sistema de crédito permeia outras dimensões da renda da unidade de produção camponesa. Há no Território do Alto Sertão Sergipano um crescimento de agências financeiras de empréstimo, oferecendo crédito rápido e com menos burocracia para aposentados e pensionistas, dentre eles a aposentaria rural.

O capital financeiro mascara a separação campo-cidade, o que evidencia a necessidade de se investigar as diferentes estratégias e as múltiplas formas que o capital assume para garantir seu movimento sociometabólico de reprodução.

Análise Agrária

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BANCO CENTRAL DO BRASIL. Anuário Estatístico Crédito Rural – 2012. Disponível em:** <<http://www.bcb.gov.br/htms/CreditoRural/2012/rel517.pdf>> Acesso em 22 mai 2013.16:15:00.

CARCANHOLO, Reinaldo A. e Sabadini, Mauricio de S. **Capital fictício e lucros fictícios.** Rio de Janeiro: REVISTA Soc. Bras. Economia Política, nº 24, p. 41-65, 2009

CHESNAIS, François. **A mundialização do Capital.** São Paulo: Xamã, 1996.

CONCEIÇÃO, Alexandrina L. Estado, Políticas Públicas e o Reordenamento Social e Territorial do Trabalho. In: ANDRADE, E. S.; SILVA, F. de P. S. da (Orgs.); **Estado e Políticas Públicas: a construção do consenso neoliberal.** Salvador: EDUNEB, 2012.

DANTAS, Gilson. Chesnais: a esfera financeira e a crise capitalista. **Revista Iskra,** São Paulo: Ferrari, 2009, nº II p. 62 – 74

DELGADO, Guilherme C. **Capital Financeiro e Agricultura no Brasil.** São Paulo: Editora da UNICAMP, 1985.

DELGADO, Guilherme C. A questão agrária no Brasil, 1950-2003. In: JACCOUD, L.; **Questão Social e Políticas Sociais no Brasil Contemporâneo.** Brasília, 2005. Disponível em:<[http://www.ipea.gov.br/agencia/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5491&catid=301](http://www.ipea.gov.br/agencia/index.php?option=com_content&view=article&id=5491&catid=301)> Acesso em 15 mai 2013.14:30:00.

Harvey, David. **A produção Capitalista do Espaço.** São Paulo: Annablume, 2005.

MARX, Karl. **O Capital Vol. V.** São Paulo: Nova Cultural, 1988.